

# **A ENGEITADA: ROMANCE. VOL. III**

Published @ 2017 Trieste Publishing Pty Ltd

ISBN 9780649155545

A engeitada: romance. Vol. III by Camilo Castelo Branco

Except for use in any review, the reproduction or utilisation of this work in whole or in part in any form by any electronic, mechanical or other means, now known or hereafter invented, including xerography, photocopying and recording, or in any information storage or retrieval system, is forbidden without the permission of the publisher, Trieste Publishing Pty Ltd, PO Box 1576 Collingwood, Victoria 3066 Australia.

All rights reserved.

Edited by Trieste Publishing Pty Ltd.

Cover @ 2017

This book is sold subject to the condition that it shall not, by way of trade or otherwise, be lent, re-sold, hired out, or otherwise circulated without the publisher's prior consent in any form or binding or cover other than that in which it is published and without a similar condition including this condition being imposed on the subsequent purchaser.

[www.triestepublishing.com](http://www.triestepublishing.com)

**CAMILO CASTELO BRANCO**

**A ENGEITADA:  
ROMANCE. VOL. III**



## VOLUMES PUBLICADOS

---

- I — Coisas espantosas.
- II — As tres irmans.
- III — A engeitada.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

# A ENGEITADA

ROMANCE

---

QUARTA EDIÇÃO

---

LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA—LIVRARIA-EDITORIA

*Rua Augusta, 50, 52, 54*

1902



## DEDICATORIA

AO ILL.<sup>mo</sup> E EX.<sup>mo</sup> SR.

MANUEL DE FREITAS COSTA

Meritíssimo Juiz da Relação do Porto

N<sup>o</sup>ESTE romance encontra v. ex.<sup>a</sup> o desenvolvimento da historia que me communicou. Se algumas côres do quadro substitui por outras, obedeci a umas regras d'arte que prescrevem ao romancista a dura lei de recompôr o que parecia estar bem feito das mãos da natureza. D'onde havemos de inferir que o verdadeiro, em romances, nem sempre é o bello, e rarisimas vezes é o bom. N'outro paiz, n'outros costumes e com mais habil colorista, a historia, referida por v. ex.<sup>a</sup>, seria uma perfeita urdidura de optimo romance. Aqui na nossa terra, excellente, mercê de Deus, em muitos sentidos, requer-se melindroso geito n'isto de contar vícios. Não discuto se o contal-os é fomental-os, e se a ignorancia d'elles é fingimento. Seja o que fôr. Se ha innocencia, é dever santo conserval-a. Se dissimulação, é obsequio á historia das nossas virtudes dissimularmos tambem.

D'estas considerações, meu amigo, e d'outras que o seu recto e claro espirito lhe ha de suggerir, vai v. ex.<sup>a</sup> dar-se o motivo de acrescentamentos e mudanças que fiz no entrecho d'este romance, que lhe offereço, com esta desusada simplicidade. As coisas de pouco ou de nada assim se devem offerer.

De v. ex.<sup>a</sup>

*affectivo e obrigadissimo creado*

*Camillo Castello Branco.*







# I

## O incendio de Santa Maria de Pombeira

**O**' quadra saudosa de patriotismo! ó guerra dos francezes! ó heroico Portugal no tempo em que tu eras tão portuguez, tão inimigo de estrangeiros, tão façanhoso contra francezes e tão roupa d'elles! O' tempo, tempo em que nem ainda as francezas se podiam tolerar n'este abençoado torrão, d'onde pululavam Viriatos, como tortulhos bravos quando chove!

Que figados tão nacionaes sahiam pela bocca fóra da gente, que gritava com ferocidade pulmonar, se a serpente enorme de brilhantes escamas, o exercito de Massena ou Junot, de Loison ou Soult colleava as suas roscas de ferro lá em baixo, engulindo ajeias e vomitando-as em lavaredas das entranhas bestialmente francezas!

Tão perto vão de nós esses dias de febril gloria! Me! seculo apenas! Uma escassa vida de homem! Ha ainda ahí pulsos de aço e musculos de couro

de elephante que estrangularam francezes em bar-da! Nossos paes todos mataram soldados de Napoleão; nossas mães todas mais ou menos tenderam a inxertar-se na genealogia da forneira, que amassava hespanhoes como padas de trigo. Isto foi hontem, hontem! — e já hoje todos trajamos á franceza, pensamos francezmente, fallamos como pensamos e escrevemos para fazer pensar e rir a posteridade, os nossos bisnetos, uma gente nacionalissima que não ha-de ter nação nenhuma!

Ha cincoenta e tantos annos! cada homem, cada portuguez a pedir um Thucydides e dois Homeros! uma epopéa para cada osso lusitano, e um Pantheon para cada aldeia!

E, depois, a gentalha d'aquelle periodo de tres heroicos annos era uma gentalha que dava pela barba aos gigantes do nosso tempo. Adamastores de pantano que salpicam a gente de vasa quando se remechem.

Que plebe tanto mais furial quanto briosa! Como ella matava os afrancezados e lhes incinerava os cadaveres no brazido das casas incendiadas! Que espora tão penetrante os apostolos da christandade portugueza lhe chegavam aos ilhaes!... Desfaziam a cruz de Christo em dois varapaus e davam a deslombiar! Como a inquisição já funcionava iam aos armazens dos instrumentos e traziam as cordas para a forca dos jacobinos!

Quem podéra ter visto aquelle frade dominicano, chamado na invasão franceza o *Religioso do habito branco*! Que homem, que portuguez! No pulpito, mandava matar; no campo da batalha, matava. E não tinha arma predilecta. Matava a tiro, a cutelo, a espadão, a faca, á pedrada, a malho e a páo!

Era o S. Thiago de Salado e o S. Jorge de Aljubarrota! Quando elle passava de habito branco, matando francezes e bestas, (veja a *Gazeta de Lisboa*, de 28 de outubro de 1809) o Loison encolhia-se a bater os dentes, o Soult salvava-se a unhas de cavallo!

Não cabiam dois homens na Europa! Napoleão e o dominico portuguez fr. Antonio Pacheco!

No dia em que Beresford brindou o frade com uma espada e uma espingarda inglezas, a fortuna, árbitra dos Encélados que se atrevem a esburacar o olympo, derribou o tigre corso e levantou o frade á perpetuidade da *Gazeta de Lisboa*.

Ora este fr. Antonio, no dia 13 de março de 1809, depôz na sacristia de uma egreja de Penafiel a espingarda ainda ferrugenta, a espada tingida de sangue, e subiu ao pulpito. Estava presente o general Silveira, a coisa mais redondamente portugueza, boçal e valente que deu o seculo.

O frade, tambem conhecido pelo *Mestre-Indio*, não orou, espumou sangue. Cada palavra reboava nas naves como artilharia grossa. Quando elle dizia — «morra Napoleão! morra a gran-besta do apocalypse! Abaixo a estatua de Nabuco!» — o povo urrava, e as peanhas dos Christos, batidas pelas vibrações do ar revoltado d'aquellas baforadas de patriotismo e vinho, cambaleavam.

Os milicianos e guerrilhas sahiram da egreja com fome e sede de carne e sangue francezes. Queriam ser martyres e antropófagos ao mesmo tempo. O religioso do habito branco permittia-lhes e aconselhava-lhes, primeiro que o martyrio, o sêvo na carniçaria, espedaçar francezes a dente quando cansassem as garras.